

A luta das trabalhadoras domésticas e o feminismo

Essa aula ou oficina é um convite para pensarmos sobre a pluralidade da resistência feminista no Brasil e as transformações que marcaram esse campo político ao longo das últimas décadas. Partimos das reflexões de Lenira Carvalho sobre os seus encontros com o feminismo para abordar temas como as desigualdades que existem entre as mulheres; a introdução das discussões sobre o corpo e a sexualidade na militância dos movimentos populares das décadas de 1970 e 1980; os impasses na adesão à luta pela legalização do aborto numa sociedade religiosa como a brasileira; e a luta permanente pela valorização do trabalho das mulheres. Esses temas são abordados a partir da ótica de uma mulher trabalhadora doméstica que, na sua trajetória política, se engajou em movimentos feministas e refletiu sobre os desafios colocados para a construção de alianças políticas frente às diferenças e desigualdades que existem entre as mulheres. A contribuição de Lenira Carvalho nos serve como referência para explorar elementos da trajetória do feminismo brasileiro muitas vezes pouco visíveis, que nos ajudam a pensar sobre como foi se moldando o feminismo que conhecemos hoje.

Objetivos

- *Apresentar as alianças construídas historicamente entre os movimentos feministas e a luta das trabalhadoras domésticas no Brasil.*
- *Promover discussões sobre afinidades, desigualdades e diferenças na diversidade da organização política das mulheres.*
- *Propor reflexões sobre a diversidade de sujeitos políticos que constroem o feminismo no Brasil.*

Roteiros pedagógicos que se relacionam:



A luta das trabalhadoras domésticas e o feminismo

Percurso metodológico

Tempo total estimado: 2h30

- 40' MOMENTO 1.
Seis imagens da luta das mulheres
- 40' MOMENTO 2.
Leitura individual
- 40' MOMENTO 3.
Reflexão coletiva
- 30' MOMENTO 4.
Exposição e partilha de aprendizados

Materiais necessários

01. Projetor para exibir fotos ou cópias das fotos.
02. Lousa ou cartolinas e utensílios para a escrita.
03. Cópias dos capítulos “Consciência de ser mulher” e “A doméstica e o movimento das mulheres”, do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.
04. Folhas de papel em branco para distribuir entre o grupo.
05. Cópias do texto “O que conhecemos sobre a história do feminismo no Brasil?” (opcional).

Preparação

Para realizar a aula ou oficina, sugerimos que a educadora se prepare com os seguintes materiais:

- Leitura dos capítulos “Consciência de ser mulher” e “A doméstica e o movimento das mulheres”, do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.
- Leitura do texto “O que conhecemos sobre a história do feminismo no Brasil?”, disponível neste roteiro.
- Para maior aprofundamento, sugerimos os outros materiais indicados na sessão “Para aprofundar”.

Para aprofundar



Diálogos Feministas: nossos feminismos e a conjuntura política. Sistematização publicada em 2022 pela Fundação Friedrich Ebert Brasil e pelo SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia.

Vai avançar o feminismo popular!, de Carmen S. M. Silva. Capítulo do livro *Teorias em movimento: reflexões feministas na Articulação Feminista Marcosul*.

Para onde vamos? Feminismo como movimento social. Coletânea de textos sobre os movimentos feministas no Brasil, publicado pelo SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia, em 2020.



FMPE - Imagens de luta. A publicação é fruto de um processo de imersão no acervo fotográfico do Fórum de Mulheres de Pernambuco. A pesquisa foi realizada como parte do projeto Rastros e Levantes, pela comissão de Memória do FMPE, Marcela Lins e Guilherme Benzaquen.

Memória e Movimentos Sociais

(www.memoriaemovimentossociais.com.br). Projeto que reúne fotografias, de cunho etnográfico e documental, de autoria da fotógrafa Claudia Ferreira e tem como missão contribuir para o resgate da memória dos movimentos sociais contemporâneos e ser uma fonte de Fotografia Pública dos movimentos sociais brasileiros, especialmente os movimentos feministas.



Almerinda, uma mulher de trinta (1991), documentário poético dirigido por Angela Freitas e Joel Zito Araújo.

Mulheres Rurais em Movimento (2015), de Héloïse Prévost e Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE)

Corpos políticos (2016). Curta-metragem realizado pelo Mape - Mulheres no Audiovisual Pernambuco.



www.leniracarvalho.com.br/roteiro12

Passo a passo

Momento 1. Seis imagens da luta das mulheres

Apresentar ao grupo seis fotografias (Anexo I) impressas ou através de projeção. A educadora deve apresentar as fotografias individualmente e perguntar ao grupo: *No que essa imagem faz vocês pensarem?* A partir das respostas, a educadora preenche, ao lado, em um quadro ou cartolina, palavras-chave do que foi trazido. Depois da análise coletiva das seis fotos individualmente, a educadora coloca todas juntas para apreciação do grupo e pergunta: *O que essas imagens têm em comum e o que as diferencia? Quando vemos essas fotografias juntas, seus significados mudam?* A partir das respostas, a ideia é que a educadora elabore reflexões sobre a amplitude e diversidade da luta das mulheres no Brasil. Se utilizar o projetor, as imagens podem ser apresentadas juntas no mosaico disponível no final do anexo. Se estiver trabalhando com fotografias impressas, elas podem ser passadas uma a uma entre o grupo e depois coladas na parede ou num quadro, construindo um mural. Informações sobre as fotografias estão disponíveis no Anexo II. Ao final do exercício, a educadora pode compartilhar com o grupo a que eventos cada fotografia se refere.

Momento 2. Leitura individual

Leitura individual dos capítulos “Consciência de ser mulher” e “A doméstica e o movimento das mulheres”. Esse exercício também pode ser feito em duplas ou trios. A ideia, porém, é que o momento seja apenas destinado à leitura do texto – apenas com considerações superficiais, se for feita coletivamente – e não à sua discussão.

Momento 3. Reflexão coletiva

Escrever no quadro, em uma cartolina ou tarjetas de papel, quatro tópicos a serem debatidos a partir da leitura dos capítulos: (1) O feminismo e o corpo das mulheres; (2) Luta pela legalização do aborto; (3) Desigualdades entre as mulheres; (4) O trabalho das mulheres no mundo. Em seguida, solicitar que as participantes se dividam em grupos de acordo com seus interesses em algum dos quatro temas, tentando manter algum equilíbrio no número de pessoas nos grupos. Cada grupo ficará responsável por um tópico. Nos primeiros 20 minutos, a educadora solicita que o grupo discuta qual é a visão de Lenira sobre o tema e quais foram as questões trazidas pelo texto que o grupo ainda não conhecia ou sobre as quais não havia pensado a respeito. Depois desse debate inicial, a educadora pede ao grupo para selecionar uma frase ou trecho curto do capítulo que sintetiza o pensamento de Lenira sobre aquele tema. Ao final, cada grupo lê o trecho para o grupo maior.

Momento 4. Encerramento

Com o grupo todo reunido novamente, a educadora deve perguntar o que as participantes aprenderam de novo sobre o feminismo com a leitura do texto de Lenira Carvalho. Em seguida, encerrar com uma breve exposição sobre como a luta feminista não é algo estático, mas uma luta em permanente transformação, que busca dialogar com as diferentes realidades que as mulheres vivem nos mais diversos contextos. Para elaboração dessa exposição, a educadora pode utilizar o texto de apoio deste roteiro e os textos sugeridos na seção **Para aprofundar**. Ao final da aula ou oficina, o texto “O que conhecemos sobre a história do feminismo no Brasil?” pode ser distribuído entre as participantes para leitura posterior.

O que conhecemos sobre a história do feminismo no Brasil?

Quando ouvimos a palavra feminismo, no que pensamos? Provavelmente a resposta para essa pergunta depende da geração e da trajetória de vida de cada pessoa, do seu contato com movimentos sociais, dos seus interesses de leitura, seja nos livros ou na internet. Para muitas pessoas e principalmente as gerações mais jovens, muito do imaginário que caminha junto com essa palavra está relacionado ao forte ciclo de protestos feministas vividos na última década no Brasil e no mundo, principalmente nas grandes cidades. Imagens de manifestações de rua com reivindicações de autonomia e liberdade em relação aos nossos corpos, denúncias da violência e exploração sexual contra as mulheres, luta pela legalização do aborto, defesa da democracia, entre outras reivindicações, compõem essas imagens que vêm mais facilmente à mente porque têm mais repercussão na mídia do que a resistência que as mulheres constroem em outros territórios ou associadas a outras lutas. O que conhecemos da luta das mulheres sindicalistas contra assédio nos ambientes de trabalho ou por paridade política dentro dos seus próprios sindicatos? Que imagens temos da longa trajetória de luta das mulheres trabalhadoras rurais no Brasil? O que conhecemos sobre a organização política das trabalhadoras domésticas?

Hoje em dia é comum que alguém tenha contato com o feminismo pela primeira vez através da internet ou, mesmo que já tenha ouvido falar em outro lugar, a internet é um espaço de pesquisa e formação sobre o feminismo, assim como em relação a diversos temas. Apesar da internet parecer ser um mundo infinito de informações, ela tem os seus recortes. Nesse universo, é muito mais comum, por exemplo, entrar em contato com o pensamento de feministas europeias ou norte-americanas do que com a história da nossa resistência no Brasil ou na América Latina. E quando ouvimos falar sobre o feminismo no Brasil, é comum que seja a partir do pensamento de uma autora ou outra, mas não sobre a pluralidade da resistência das mulheres organizadas em diferentes movimentos. Essas influências dão elementos para as imagens que construímos sobre o feminismo e muitas vezes a forma como pensamos

sobre essa luta ignora a diversidade da construção histórica desse campo político em nosso país, por estar associada apenas ao que é mais visível nas redes sociais e em outros meios de comunicação.

As reflexões de Lenira Carvalho sobre a luta das trabalhadoras domésticas, as disputas e as alianças construídas com os movimentos feministas apresentam questões muitas vezes desconhecidas para pensarmos sobre a construção do feminismo no Brasil. Lenira fala de coisas importantes para pensarmos sobre essa trajetória, como a dificuldade de construir alianças quando existem profundas desigualdades entre as mulheres. Compartilha reflexões sobre os desafios da adesão na luta pela legalização do aborto e a forma como os movimentos feministas introduziram preocupações novas no universo dos movimentos populares por onde ela circulava, como a preocupação com o corpo, a sexualidade e o autoconhecimento. O movimento feminista foi um importante aliado das trabalhadoras domésticas na trajetória de luta da categoria por direitos, inclusive contribuindo com outras abordagens em relação ao entendimento sobre a desvalorização desse tipo de trabalho por ser um trabalho realizado por mulheres. Mas não podemos esquecer que as alianças construídas com as trabalhadoras domésticas também foram fundamentais para que mulheres feministas de classe média pudessem pensar com mais profundidade sobre o valor social do trabalho doméstico no Brasil e sobre como lidar com contradições que muitas vezes existiam dentro das suas próprias casas. Esses encontros entre mulheres com experiências tão diferentes, que aconteceram não sem conflitos, geraram importantes transformações no entendimento e na luta pela emancipação das mulheres no campo feminista brasileiro.

O feminismo que a gente conhece hoje não poderia ter sido o que é se não tivesse sido o encontro entre a resistência de muitas mulheres, de lugares diferentes e que se organizaram em torno de lutas diferentes, mas que se encontraram, divergiram, disputaram politicamente e aprenderam umas com as outras.

Hoje a maior manifestação feminista do país é a Marcha das Margaridas, uma ação das trabalhadoras do campo, das florestas e das águas, organizada pela Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares). A Marcha das Margaridas reúne dezenas de milhares de mulheres nas ruas de Brasília a cada quatro anos para reivindicar soberania alimentar, direito à terra, condições dignas de trabalho, acesso à creche, políticas mais efetivas de enfrentamento à violência contra as mulheres, entre outras pautas.

É interessante pensar que nem sempre as trabalhadoras rurais se identificaram como feministas, apesar de lutarem pela igualdade e liberdade das mulheres. Assim como nem sempre as mulheres que vivem nas periferias das grandes cidades e lutam por água, moradia e creche se identificaram como feministas. E isso aconteceu muitas vezes porque havia diferenças entre esses movimentos e os movimentos feministas. O que queremos propor aqui não é que a gente passe a chamar de feministas as lutas que não se identificaram com esse nome. Apesar de ser possível iden-

tificar ideais feministas nessas trajetórias de resistência das mulheres, nosso interesse é lançar luz para o fato de que o feminismo que conhecemos hoje é fruto desses encontros e das disputas que se deram neles. O feminismo é um campo político em permanente revisão crítica, que vem se transformando ao longo da história. Os encontros entre essas diferenças e os esforços para se construir alianças apesar das desigualdades estão entre os motores que aprofundam a sua radicalidade e são fundamentais para compreendermos os feminismos contemporâneos.

Entre as tantas coisas que podemos aprender com o pensamento de Lenira Carvalho sobre desvalorização do trabalho das mulheres e a luta por liberdade e autonomia, está a possibilidade de mergulhar, a partir das suas reflexões, no emaranhado das teias construídas entre mulheres de lugares tão diferentes. Mulheres que instauraram debates tão diversos que conhecemos hoje sobre o que viver no mundo como mulher pode significar e como podemos fortalecer umas às outras para enfrentar as opressões que vivemos.

Glossário

Marcha das Margaridas

É uma ampla ação estratégica das mulheres do campo, das florestas e das águas, promovida pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares – Contag, Federações e Sindicatos, que se consolidou na agenda do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR e de diferentes organizações parceiras, movimentos e organizações feministas e de mulheres trabalhadoras, centrais sindicais e organizações internacionais que articulam e mobilizam mulheres em torno de diferentes questões que nos permeiam. Realizada pela primeira vez em 2000, hoje é reconhecida como a maior ação das mulheres no Brasil e tem sido um caminho coletivo de construção de um projeto de sociedade que propõe um Brasil sem violência, onde a democracia e a soberania popular sejam respeitadas, a partir de relações justas e igualitárias. O nome da Marcha é uma homenagem a Margarida Maria Alves, trabalhadora rural, sindicalista e uma das primeiras mulheres a exercer um cargo de direção sindical no Brasil. Margarida Alves foi assassinada em 12 de agosto de 1983, na frente de sua casa, em Alagoa Grande (PB). A Marcha das Margaridas é realizada a cada quatro anos, no mês de agosto. Para mais informações: <https://www.marchadasmargaridas.org.br/>



Anexo I













Anexo II



Imagem 1

X Encontro Nacional Feminista. Bertioga (SP), 1989

Fotografia de Cláudia Ferreira

www.memoriaemovimentossociais.com.br

No processo de redemocratização do país, militantes feministas passaram a organizar o Encontro Nacional Feminista (ENF) dentro das reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Era um espaço de diálogo, intercâmbio acadêmico e construção de estratégias de ação política, principalmente em torno dos temas da violência e saúde das mulheres. Entre 1979 e 1986, foram realizados sete Encontros Nacionais Feministas dentro das reuniões da SBPC nas cidades de Fortaleza (CE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), Campinas (SP), Brasília (DF), São Paulo (SP) e Belo Horizonte (BH). A partir de 1985, os ENFs passaram a ser realizados fora da SBPC, com novos formatos e composição mais diversa. Entre 1986 e 2004, foram realizados sete Encontros Nacionais Feministas nas cidades de Nogueira (RJ), Garanhuns (PE), Bertioga (SP), Caldas Novas (GO), Salvador (BA), João Pessoa (PB) e Porto Alegre (RS).



Imagem 2

Marcha das Vadias. Recife (PE), 2016

Fotografia de Mariana Rodrigues

www.instagram.com/mariana.rodrigues.photos

A Marcha das Vadias foi uma ação feminista que surgiu a partir de um protesto realizado no dia 3 de abril de 2011 em Toronto, no Canadá. A manifestação aconteceu depois que um policial, numa palestra em uma Universidade, afirmou que as mulheres evitariam casos de assédio e estupro se não se vestissem como vagabundas/vadias (*slut*, em inglês). Como protesto à sua fala, estudantes organizaram ações massivas através de redes sociais, que tinham como foco a liberdade e autonomia das mulheres e a denúncia à culpabilização das mulheres pelas violências vividas. A Marcha das Vadias está inserida em um contexto em que a internet passou a ter grande importância na organização política de protestos de rua e coletivos em diferentes partes do mundo. Através da internet, a ação se internacionalizou e foi realizada em diferentes países, incluindo diversas cidades do Brasil. As Marchas das Vadias ficaram especialmente conhecidas pela ousadia estética e utilização de performances como forma de denúncia política, nas quais a liberdade e autonomia das mulheres em relação aos seus próprios corpos estão entre os temas centrais.



Imagem 3

8 de Março. Recife (PE), 1991

Acervo de imagens do Fórum de Mulheres de Pernambuco

Publicação FMPE – Imagens de Luta

No dia 8 de março de 1917, milhares de operárias russas fizeram uma greve geral que recebeu o apoio também de operários do país, transformando os eventos desse dia em ações de protesto massivas. Esse dia marca um episódio importante no processo da Revolução Russa, e a força desta greve foi tão grande que a data se tornou uma referência para as bandeiras feministas, sendo o 8 de março, hoje, o Dia Internacional da Mulher em vários países. A fotografia é de uma ação no dia 8 de março de 1991, realizada em Recife pelo Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE). O FMPE é um movimento feminista, antirracista, anticapitalista e antipatriarcal, fundado em 1988, que constrói nacionalmente a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). Luta pelo aprofundamento da democracia, contribuindo para a construção de uma sociedade em que os direitos, a liberdade e a autonomia das mulheres sejam garantidos.



Imagem 4

Reunião no Sindicato das Trabalhadoras Domésticas da Região Metropolitana do Recife, 1988

Acervo do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pernambuco

Reunião do recém-fundado Sindicato Trabalhadoras Domésticas da Região Metropolitana do Recife, em 1988, no contexto de preparação para o VI Encontro Nacional das Trabalhadoras Domésticas, que seria realizado em Campinas. Fundada em 1979, no contexto de luta contra a ditadura militar e de reivindicação dos direitos das trabalhadoras, a Associação das Empregadas Domésticas do Recife atuava pelo reconhecimento da profissão e dos direitos da categoria. Em 1988, após o reconhecimento da categoria como profissão na Constituição brasileira, foi fundado o Sindicato das Trabalhadoras Domésticas da Região Metropolitana do Recife, que, nos anos seguintes, com a ampliação da sua atuação, se consolidaria como o Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pernambuco. Sua missão é defender os interesses da categoria junto aos órgãos públicos e empregadores, promover a solidariedade entre trabalhadoras, garantir assistência jurídica e lutar pela justiça social e os direitos humanos.



Imagem 5

Marcha das Margaridas. Brasília, 2000

Fotografia de Cláudia Ferreira

www.memoriaemovimentossociais.com.br

A Marcha das Margaridas é uma ampla ação estratégica das mulheres do campo, das florestas e das águas, promovida pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares – Contag, Federações e Sindicatos, que se consolidou na agenda do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR e de diferentes organizações parceiras, movimentos e organizações feministas e de mulheres trabalhadoras, centrais sindicais e organizações internacionais que articulam e mobilizam mulheres em torno de diferentes questões que permeiam as nossas vidas. Realizada pela primeira vez em 2000, hoje é reconhecida como a maior ação das mulheres no Brasil e tem sido um caminho coletivo de construção de um projeto de sociedade que propõe um Brasil sem violência, onde a democracia e a soberania popular sejam respeitadas, a partir de relações justas e igualitárias. O nome da Marcha é uma homenagem a Margarida Maria Alves, trabalhadora rural, sindicalista e uma das primeiras mulheres a exercer um cargo de direção sindical no Brasil. Margarida destacou-se nas lutas pelos direitos das trabalhadoras rurais, pela reforma agrária e contra a violência no campo. Foi brutalmente assassinada por pistoleiros no dia 12 de agosto de 1983, a mando de latifundiários da região. A Marcha das Margaridas é realizada a cada quatro anos, no mês de agosto.



Imagem 6

Batucada do FMPE em ato Fora Bolsonaro. Recife, 2021

Acervo de imagens do Fórum de Mulheres de Pernambuco

Publicação FMPE – Imagens de Luta

O governo de Jair Bolsonaro na presidência da república entre 2019 e 2022 foi um período de grande retrocesso político e econômico para o país. A contestação da população em relação ao presidente se intensificou com os escândalos de corrupção e a negligência do governo em relação à pandemia da Covid-19. No ano de 2021 foram realizados os primeiros grandes atos de rua pedindo o *impeachment* do presidente, após um longo período de manifestações coletivas dentro das casas, com painéis e ações coordenadas na internet. Na foto, vemos a batucada do Fórum de Mulheres de Pernambuco/Articulação de Mulheres Brasileiras em meio a outros movimentos sociais e manifestantes em um desses atos de rua.